Por Paulo Pestana (Especial para o Correio)
papestana@uol.com.br



Assédio poético



Hoje em dia é preciso estar atento para não ser acusado de assédio. Um assovio fora de hora pode ser confundido com uma cantada indecente; um olhar mais insinuante pode causar dor de cabeça em cibalena; uma ordem no trabalho pode levar à delegacia, quem sabe, ao xilindró. São dias perigosos. Mas a alma romântica vence qualquer barreira, até as legais.

Waldir é desses homens que experimentaram a vida; fez de tudo um pouco. Potiguar, traz o sal nas veias. Tem fama de valente — que, como se diz no Nordeste, não se desmente. Escreveu livros, arrisca-se em bons e refinados contos, é competente revisor de obras alheias; foi jogador de futebol, andou pela boemia carioca, mas acima de tudo é um romântico.

Viperinos dizem que já passou da flor da idade, mas certamente não perdeu o charme insinuante com as moças. Elegante e bem-humorado, conversa macio, tem sempre um assunto interessante na ponta da língua e é daqueles que fazem da interlocutora a pessoa mais importante do planeta durante a conversa.

Não bebe nada além de um suco, mas vai ao bar quase todas as noites, depois de passar o dia flanando pela cidade, cortejando mocinhas (que mal há?), distribuindo encanto.

Ultimamente, tem recebido a atenção de uma cuidadora. Um perigo, raciocinaram os amigos. A moça se desdobra nos paliativos, anteparos e dedicação, enquanto Waldir desenvolve argumentos, fazendo a moça cativa da boa e respeitosa lábia. Mas não basta. A alma romântica falou mais alto e ele, mesmo sob o risco de uma acusação por assédio poético, escreveu:

Levado nas águas por sob a ponte
Da vida de ontem da vida de agora
O outono mais uma vez vai embora
Dissipando brumas no horizonte,
Reverberando raios do passado.
Amanda eu amei antes de conhecê-la
Naquela noite de chuva impertinente
O chão chafurdado o céu sem estrela
O futuro por tudo onipresente
Nas rimas do poema original.
Ao longo do longo itinerário
O poema já estava pronto,
Faltava-lhe o nome Amor Outonal

O poema foi mostrado pelo próprio Waldir aos amigos, uma espécie de confissão da contravenção. Houve propósito, mas ninguém pode acusá-lo de dolo. São palavras de admiração, mas também de agradecimento; insinuantes, mas sem volúpia; vibrantes, mas ainda assim ternas.

Havia profissionais de muitas áreas no local, nenhum juiz de direito, sequer um delegado de polícia. Ficamos sem saber se estava tipificado o assédio poético. As almas mais sensíveis elogiaram, houve ressabiados, certamente com inveja da ousadia e da categoria do poema. Advogados acreditavam que, no mínimo, cabe defesa, incluindo infinitos recursos.

Poetas devem ter licença para dizer o que querem, a quem quiserem. Mas vates não são santos. Castro Alves foi acusado de ser xexeiro, Dante Alighiere foi condenado e banido por corrupção, Gregório de Matos foi apontado como blasfemo, Pablo Neruda confessou ter estuprado uma moça.

Mas roubar corações não é crime. E eu só sei que agora as moças e as senhoras que frequentam o bar também querem cuidar do Waldir, na esperança de também ganharem um poema.